



Prot. N. 0066/2014

Roma, 1 de Março de 2014

## Carta para 14 Março: Aniversário do Nascimento do P. Dehon

Caros confrades,

No dia 14 de Março, recordamos, não só o nascimento do nosso fundador, Leão Dehon, mas também o nascimento da nossa vocação. Ao comemorar estes acontecimentos, rezamos para que esta vocação continue a viver noutras pessoas, e lembramos o dever de ajudar outros – que têm formas diferentes de vida nos diversos lugares que servimos – a encontrar a sua própria vocação.

Para nós, 14 de Março é o dia da nossa vocação.

Para muitos que visitam Roma, a sua peregrinação inclui uma pausa na igreja de São Luís



dos Franceses. Esta igreja é famosa por acolher três quadros de Caravaggio. Na sua entrevista com Antonio Spadaro, o Papa Francisco faz uma referência ao mais célebre dos três quadros: *O chamamento de São Mateus*. Para aqueles que não conhecem o quadro, Mateus e os seus colaboradores estão sentados à mesa a contar dinheiro. À porta estão Pedro e Jesus. Atrás deles, uma luz projeta-se sobre Mateus e sobre o que ele está a fazer. O olhar surpreso de Mateus, tal como o dos dois jovens sentados à mesa com ele, volta-se para Jesus. Jesus aponta na direção de

Mateus e este, incrédulo, aponta para o seu peito com uma pergunta óbvia a si mesmo: “Quem? Eu?”. Mateus é atraído para dentro da luz. Será o seu futuro.

Costuma-se dizer que os chamamentos são impertinentes, até violentos. Nada disto transparece no quadro de Caravaggio. Jesus aponta para Mateus, mas olhando para a sua mão vê-se o dedo indicador, não em linha reta e imperativa, mas curvado para baixo, ao modo do dedo do Criador na criação de Adão, de Miguel Ângelo, na Capela Sistina. O dedo questiona

Mateus. Mateus encontra-se perante um enigma, bem visível no seu rosto: “Sim, tu mesmo, Mateus, sentado ao telónio coberto de dinheiro sujo de impostos. Sim, tu! Vem, segue-me”. O texto do Evangelho não refere qualquer hesitação: “E ele levantou-se e seguiu-O” (Mt 9, 9).



Nós, que fizemos uma experiência idêntica, sabemos qual é a sensação de ser chamado. O conceito de vocação ou chamamento não gerou interesse só entre religiosos, mas também entre filósofos. Existe um vasto conjunto de literatura sobre a fenomenologia da vocação: sobre o que acontece quando alguém é chamado. Estas reflexões dirigem-se ao núcleo do que ocorre na existência humana, quando confrontada com o chamamento. Não há uma voz clara – nada que indique donde vem o chamamento. Quem chama permanece anónimo, indefinível. Não posso controlá-lo. O chamamento não vem de mim mesmo. Vem de um outro lugar – talvez, de qualquer coisa bela – e eu sei que é muito importante porque determina a minha vida. O filósofo judeu Lévinas chamou-o: “uma provocação da parte de Deus<sup>1</sup>”. Provoca-me para que dê determinada direção à minha vida.

Como nas narrativas evangélicas, o chamamento impele a pessoa a abandonar a sua “casa”, a sair do sofá. O filósofo francês Jean-Louis Chrétien diz que “ser chamado” é ser “reclamado”. Há uma certa urgência ligada ao chamamento, um sentimento “de ser preciso” tomar uma certa direção na vida. Olhando para os inícios da vida vocacional de Leão Dehon, notamos que o seu chamamento lhe causou grande inquietação: “Estava sempre tão preocupado com a minha vocação religiosa...” (“J’étais toujours si préoccupé de ma vocation religieuse...”), escreveu em 1875 (NHV XI, 152); falava do que percebia dos caminhos de Deus na sua vida, (“les procès de Dieu dans ma vie”) (NQ XLIV 30), do seu “sofrimento” (NHV XI,177). Muitos de nós, experimentámos este ardente desejo interior, ouvimos o seu apelo e procurámos segui-lo para onde nos conduzia. A nossa vocação tornou-se a nossa missão. O chamamento também nos fez procurar Aquele que nos chamou, para nos fazer amigos d’Ele. Esta tem sido a nossa vida.

No dia 14 de Março recordamos esta busca e o seu projeto. Precisamos de nos reportar de vez em quando à nossa própria experiência vocacional. O que aconteceu comigo? O que é que o chamamento me pediu? Onde é que me tem levado? Para Dehon, a sua vocação foi clara desde os doze anos. Nunca duvidou dela. Podemos não ter experimentado isto de uma forma tão linear – mas apenas como um apelo permanente e uma resposta a renovar cada dia. Celebramos tudo isto no dia 14 de Março. O Pe. Dehon descreveu a sua vocação como uma viagem de fé, no amor de Deus.

---

<sup>1</sup> Isabelle Thomas-Fogiel, *The call in the thought of Lévinas, Marion and Chrétien*, *Aisthesis – Rivista Online di Estetica*, 2/2011

Este dia também nos convida a falar aos outros da vocação; como a tem experimentado nas suas vidas? A vocação é algo de muito pessoal, mas é também uma experiência a partilhar. Podemos compreender e apreciar melhor a nossa vocação se a partilharmos com os outros e ouvirmos as suas histórias.

Em 1914, o Pe. Dehon, estando à mesa, perguntou a um jovem porque é que ele queria ser padre. O jovem respondeu ao Fundador: “São João era o apóstolo que amava: amava o Senhor; isto é a base de uma vocação” (Positio II, 408). O Amor é o bom ponto de partida. Para Dehon, sem o amor não podemos fazer nada. Portanto, levemos este amor para a oração. Falemos com Aquele que nos impeliu a segui-lo. É provavelmente o apelo mais importante da nossa vida.

In Corde Jesu

P. José Ornelas Carvalho, scj  
Superior Geral  
e o seu Conselho

14 de Março de 2014

## **Diversidade de vocações para um carisma partilhado**

O mês de março é particularmente significativo para os filhos espirituais do P. Dehon, porque recordamos, entre outros acontecimentos significativos, a data do nascimento do P. Dehon (14 de março de 1843, em La Capelle), assim como o dia do seu batismo (24 de março, com o nome de Leão Gustavo, nome tão querido por sua mãe).

Estas duas datas (nascimento e batismo) interpelam-nos para o tema que queremos propor à vossa reflexão e oração: o P. Dehon e os leigos.

Para a festa do Coração de Jesus, a nossa mensagem debruçar-se-á sobre a realidade da Família Dehoniana.

### **1. Os leigos**

Até à Carta aos Coríntios, de S. Clemente de Roma, não existe na literatura cristã, incluído o Novo Testamento, uma referência a leigos ou ao laicado. O Novo Testamento fala-nos de um povo santo, eleito, posto à parte (*kleros*; cf. 1Cor; Hb) que é convidado a oferecer um sacrifício agradável e puro (cf. Rm 12,1-3). Ao povo são distribuídos dons espirituais que visam o bem comum e a edificação da comunidade cristã. (cf. 1Cor 12; 14,4-5.12; Rm 12,4-8).

Visando esta construção da comunidade, são enumeradas diversas funções no Novo Testamento, que se costumam designar como ministérios, ou seja, serviços: os Doze, os apóstolos, os episcopos, os presbíteros, os diáconos, os profetas, entre outros (cf. 1Cor 12,27-30; Fl 1,1; Rm 12,6-8; Ef 4,11). Os Santos Padres referem que estas funções não são títulos honrosos, mas serviços prestados à comunidade eclesial.

Não se pode perder de vista a Igreja no seu todo em que o povo santo e eleito é participante e corresponsável. Todos são responsáveis na Igreja, segundo a sua função específica.

É, então, na Carta de S. Clemente de Roma aos Coríntios que aparece pela primeira vez o termo leigo (*laikos*) para designar os fiéis, o povo, embora só se torne comum quase um século depois com Clemente de Alexandria e Tertuliano.

S. Clemente refere que “cada um de nós, irmãos, agrade no seu lugar a Deus, vivendo em consciência reta, com toda a dignidade, não transgredindo a regra do seu ofício” (nº 41, 1-p.47).

S. Clemente apresenta-nos uma compreensão de leigos, de tal modo que se possa dizer que todos os batizados são indistintamente chamados à responsabilidade de ser Igreja e exprimir, na sua existência, uma dimensão de serviço, cada um conservando o plano que lhe foi

reservado por vontade de Deus. Todos e cada um são chamados a dar um contributo único e insubstituível<sup>2</sup>.

O grande ponto de referência é o relacionamento de todos com Cristo, no encontro espiritual (experiência) e no seu seguimento (missão). Daqui brota a dignidade e a corresponsabilidade de todos e de cada um, segundo a sua função para a edificação da Igreja (S. Clemente de Roma).

A partir do século IV e durante alguns séculos, os leigos passam a ser mais assistentes na Igreja do que participantes, já que há uma sobrevalorização do clero, das ordens, e um esvaziamento dos ministérios laicais<sup>3</sup>. A consciência da vocação e da função dos leigos na Igreja será recuperada definitivamente no Concílio Ecuménico Vaticano II.

## 2. A palavra *leigo* no tempo do P. Dehon

No tempo do P. Dehon, tendo como pano de fundo a Revolução Francesa com tudo o que significa para as relações Igreja-Estado Francês, a palavra *leigo* (*laïc*) tinha um sentido negativo e era sinónimo de anti-religioso e anticlerical. Nesse sentido, falava-se das escolas laicas, as escolas onde não se ensinava a religião ou mesmo se criticava duramente a religião. O P. Dehon referia-se a esta realidade nos seus discursos no fim do ano escolar no Colégio de S. João, em S. Quintino. Neste mesmo século XIX, a palavra *leigo* começou a ter outro significado – mais positivo, para o nosso contexto – como sinónimo de não sacerdote, de cristão não ordenado, nem membro de Ordens e Congregações religiosas, que anuncia e confirma a fé.

A partir de 1870, o P. Dehon usa a palavra *leigo*, associando-a ao apostolado laical, citando depois a carta de S. Paulo aos Filipenses (1,3-7), em que o apóstolo agradece à comunidade de Filipos a sua cooperação na propagação, na defesa e na confirmação do Evangelho. Assim, neste tempo, na França, a palavra *leigo* passou a ser usada com o sentido de cooperador e colaborador pastoral.

Na sua obra, *Nos Congrès* (Os Nossos Congressos), de 1897, o P. Dehon explica as razões do laicado na Igreja:

“O apostolado laical desenvolveu-se sobretudo neste século. Há menos clero. A Providência dá-nos a ajuda dos apóstolos leigos. O apostolado laical não é outra coisa senão a expansão da caridade cristã. O Santo Padre quer muito esta ação comum do leigo e do sacerdote”<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> *Carta de S. Clemente Romano aos Coríntios*. (1984). Petrópolis: Vozes.

<sup>3</sup> O termo *leigo* presta-se, nas línguas latinas, a várias interpretações. No contexto eclesial, pode referir-se a quem não recebeu o sacramento da ordem e não pertence a nenhuma Ordem ou Congregação Religiosa. Por outro lado, em contexto político-civil, serve para dizer que o Estado está separado das Igrejas ou religiões. Neste sentido, um *leigo/laico* é alguém que professa a separação entre Estado e religião, assumindo, por vezes, estas pessoas laicas atitudes ofensivas em relação às religiões e sobretudo às Igrejas cristãs.

<sup>4</sup> *Oeuvres Sociales II*, p.370.

Segundo o P. Dehon, quanto mais pessoas leigas trabalharem no apostolado, tanto mais fácil será termos famílias verdadeiramente cristãs<sup>5</sup>.

### **3. Os primeiros leigos na paróquia de S. Quintino**

Quando o P. Dehon começou o seu trabalho pastoral na paróquia de São Quintino, em novembro de 1871, encontrou um grupo de leigos vicentinos<sup>6</sup>.

O Sr. Julien, administrador de uma pensão, era um homem, vivo, generoso. Durante toda a sua vida, foi um ardoroso servidor dos pobres.

O Sr. Guillaume, conservador das hipotecas, era de Auxerre. Homem modesto, manso e simples, recebeu uma boa educação. Entregava-se sempre às obras, fazendo o bem com inteligência e sem barulho<sup>7</sup>.

O Sr. Black, fabricante de cimento, também era um tipo forte e original. De origem modesta, era um católico íntegro. Deixou gravado o seu lema na porta da casa: “meu Deus, meu rei, meu direito”.

O Sr. Vilfort, operário serralheiro ex-aluno da escola de Chalons, era Irmão Reitor da Ordem Terceira. Preocupava-se demais com as obras, a ponto de descuidar um pouco o seu próprio trabalho e a sua família.

O Sr. Jules Lehault, industrial, de família tradicional de São Quintino, conservara algo do tom arrogante dos grandes patrões, mas tinha uma fé viva e frequentava a Igreja, sem preconceitos.

O Sr. Basquin, fabricante de bordados, um novo-rico tinha boa vontade, com grandes capacidades, mas morreu repentinamente, não podendo assim exercer o seu apostolado.

O Sr. Charles Lecot era o amigo do P. Mathieu e o esteio das obras do P. Dehon.

Havia, também o Sr. Alfred Santerre, lojista, o Sr. Filachet, contador, o Sr. André, funcionário do Banco da França<sup>8</sup>.

Estes foram os primeiros leigos que o P. Dehon encontrou na paróquia de São Quintino e que colaboraram com ele. Com o tempo, o P. Dehon começou a conhecer outras pessoas, como o Sr. Pluzanski, a família Arrachart, entre outras que também o ajudaram nas suas obras.

O P. Dehon sabia apreciar, estimar, escutar e ter em conta os leigos. Não os tratava com arrogância. Vários deles tornaram-se seus verdadeiros amigos. Nos Congressos de Liesse, São

---

<sup>5</sup> Neste sentido, existem as homilias do P. Dehon nos casamentos a familiares, excelentes propostas de valores para os leigos viverem a sua fé cristã (Cf. 1.er Cahier Sermons 1869-1871, 18-19; 49-51).

<sup>6</sup> Egídio Driedonkx . Os primeiros leigos com quem o P. Dehon trabalhou. *Dehoniana* 2000/2, 63-74.

<sup>7</sup> O P. Dehon cita-os no seu Diário “ *Notes sur l’Histoire de ma Vie* ” (NHV, 5, IX, 90-92), edição francesa de Centro de Estudos, Roma, 1979.

<sup>8</sup> Egídio Driedonkx. Alfredo Santerre. Un precursor de los laicos dehonianos. *Studia Dehoniana*, 1993, n.35, p. 169-188, NHV, 7, XIII, 90-91.

Quintino e Soissons, o P. Dehon estava acompanhado de alguns dos seus leigos que, aliás, participavam ativamente nesses encontros.

Considerava o apostolado algo próprio do leigo, mas, para ele, a primeira obrigação do leigo é a sua própria família. Não devia descuidá-la.

Assim, os leigos encontraram no P. Dehon o homem certo para aplicar todas as suas forças com entusiasmo no apostolado.

#### **4. Leigos dehonianos no tempo do P. Dehon**

Houve sempre uma preocupação do P. Dehon em associar os leigos ao seu projeto para lhes dar uma oportunidade de participarem na espiritualidade do seu Instituto<sup>9</sup>. Nesse sentido, a Associação Reparadora começa ao mesmo tempo que a Congregação em 1878, incluindo associados e agregados. Desde o princípio da Congregação, o P. Dehon fala sempre na presença de padres diocesanos e leigos associados. Os associados dedicam-se mais a atividades (obras de caridade e imprensa). Já os agregados concentram-se na oração e no sacrifício. Nas formas litúrgicas de agregação, os agregados recebem uma cruz, igual à dos religiosos, enfeitada com um coração. Há um ato de consagração. Depois, mais tarde aparecem dois: um para as festas e outro para todos os dias. Todos usam os escapulários e uma medalha do Coração de Jesus<sup>10</sup>.

A primeira pessoa que aparece nos documentos dos nossos Arquivos como “agregado” do nosso Instituto é o senhor Lécot, que pertencia também à Conferência de São Vicente de Paulo, da paróquia principal de São Quintino. Nas suas Memórias (*Notes sur l’Histoire de ma Vie*), o Padre Dehon diz que o senhor Lécot a 11 de Abril de 1880, sexta feira santa, comprou para o seu Instituto um jardim que ligava com a Casa Mãe<sup>11</sup>. Como agregado, tinha tomado o nome de José de Arimateia. Encontramos na lista dos primeiros agregados, entre outros, também o senhor Vilfort, membro da Conferência de São Vicente de Paulo, da basílica de São Quintino<sup>12</sup>.

Entre as mulheres, além da mãe do Padre Dehon, que apoiava com afinco as obras do seu filho, figuram também algumas das suas parentes, como a sua tia e madrinha de baptismo, a senhora Julieta Vandelet, esposa de Felix Penant e também mãe de um sacerdote. Diz o Padre Dehon que era muito piedosa e de grande iniciativa<sup>13</sup>. Estão ainda a senhora Herr, mãe dos nossos futuros sacerdotes, Ernesto e Léon Herr, assim como a senhora Lecot e a senhora Demont-Buffy.

---

<sup>9</sup>Umberto Chiarello. Associação Reparadora. Uma história, uma espiritualidade. *Dehoniana*, 2000/2, 75-84.

<sup>10</sup>Egídio Driedonx. História da Associação Reparadora durante a vida do P. Dehon, *Dehoniana*, 2001/1, 53-62.

<sup>11</sup>Cf. NHV. 7, XIV, 191.

<sup>12</sup>Cf. NHV. 7, XIV, 221-222.

<sup>13</sup>Cf. NHV. I, 4r – 4v.

O Padre Dehon apreciava muito o dinamismo pastoral de todos estes leigos e leigas. Também estas pessoas viram como Deus aceitou a oferta da vida do P. Dehon através das cruzes que a Providência lhe enviava<sup>14</sup>.

## 5. Leigos Dehonianos hoje

O Concílio Ecuménico Vaticano II apresenta três elementos na definição de leigos: o leigo é, antes de mais, um cristão, um batizado, incorporado em Cristo, na Igreja, participante ativo na sua missão; o leigo distingue-se dos clérigos e dos religiosos, porque não assume o sacramento da Ordem, nem o estado da vida religiosa; o leigo é alguém empenhado no mundo e na realidade secular que procura ordenar tudo em vista do Reino de Deus. (LG 31a).

Segundo o documento *Leigos Dehonianos uma proposta de vida*<sup>15</sup>, homem ou mulher, é, antes de mais aquele membro da Igreja que, fiel a Cristo, se empenha na construção do Reino de Deus no meio das realidades temporais; aquele que, depois de tomar consciência da sua vocação batismal e da sua missão laical, as vive fortificado pela experiência de fé do Pe. Leão Dehon, como resposta de vocação pessoal; aquele que reconhece no P. Leão Dehon e no seu carisma, aprovado pela Igreja, a referência da própria vida espiritual, aproximando-se de Cristo no mistério do seu Coração aberto e solidário, e unido à sua oblação reparadora<sup>16</sup>.

Assim, o Leigo Dehoniano, animado pelo Espírito, vive plenamente inserido no mundo, sente com a Igreja e partilha a paixão da Igreja pelo Evangelho e pelo mundo, como profeta do amor e da esperança cristã (ChL, nº 14).

É que os leigos dehonianos são pessoas cristãs que, lendo a Sagrada Escritura, vivem na Igreja a sua fé, inspiram-se no carisma dehoniano e procuram exercitar no seu dia a dia, quer na família, quer na profissão, quer noutro tipo de grupos eclesiais e sociais toda esta riqueza espiritual que se inspira no carisma recebido pelo P. Dehon, para a edificação e para o enriquecimento da Igreja (cf. CST 1).

Cada um está incumbido de uma tarefa e de uma responsabilidade por vontade de Deus, em ordem à harmonia na Igreja e à colaboração na construção da sociedade, de modo que ninguém seja excluído do serviço que pode prestar a todos.

Que a oblação divina do Verbo incarnado – *Eis que venho ó Deus para fazer a vossa vontade* - (Heb 10, 5-10), que a oblação humana de Maria – *Eis a serva do Senhor* (Lc 1,38) que fez de Cristo o coração do mundo, nos torne cada vez mais humanos, cristãos e dehonianos, pela nossa oblação a Deus e aos irmãos.

P. Adérito Gomes Barbosa, scj

---

<sup>14</sup> Cf. NHV. 7, XIV, 222.

<sup>15</sup> Documento do Governo Geral SCJ intitulado *Leigos Dehonianos. Proposta de vida*. Prot. N. 263/ 2001, texto no. 2.

Documento do Governo Geral SCJ intitulado A Família Dehoniana. Carta de Comunhão. Prot N. 263/2001.

<sup>16</sup> Umberto Chiarello. Um perfil do leigo dehoniano. *Dehoniana*, 2000/2, 85-92.